



## IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

### “Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

#### TOPONÍMIA URBANA DE DEODÁPOLIS E GLÓRIA DE DOURADOS – MS: CONEXÃO ENTRE LÍNGUA, CULTURA E HISTÓRIA

Larissa Fernanda da Silva FORTALEZA (UEMS – Dourados)

Carla Regina de Souza FIGUEIREDO (UEMS – Dourados)

**RESUMO:** A nomeação de ruas e avenidas de dois municípios sul-mato-grossenses foi objeto de investigação a partir dos fundamentos da Toponímia, área da Linguística dedicada ao estudo dos nomes de lugares. Constituiu-se o *corpus* do presente trabalho a partir da observação de uma mesma área em duas sincronias diferentes (2000; 2014), ou seja, consultaram-se mapas da malha urbana tanto de Deodápolis quanto de Glória de Dourados a fim de verificar o quão o léxico toponímico sedimentou as perspectivas dos denominadores, num dado momento, resultante das relações que estabeleceu entre língua, cultura, história e sociedade. A escolha dos municípios se justifica pelo fato de na década de 1940 pertencerem à área da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) e terem uma considerável proximidade geográfica, o que aventou a hipótese de que teriam um comportamento linguístico similar, por se assemelharem quanto ao processo de povoamento, resultante do aceite de (i)migrantes ao apelo do governo federal para a ocupação de terras devolutas no Mato Grosso. Os resultados da pesquisa apontaram algumas tendências: i) entre os dados inventariados no documento publicado em 2000, as *taxes* mais produtivas foram os corotopônimos, os *historiotopônimos* e os *axiotopônimos*, que trouxeram a tona homenagens prestadas às pessoas que interferiram euforicamente na transformação dos municípios ao longo do processo de povoamento e desenvolvimento destes espaços, aos estados e municípios de onde provavelmente migraram os pioneiros e às datas históricas de acontecimentos regionais e nacionais demonstradas também por meio daqueles que serviram a pátria brasileira; ii) em 2014, um processo de renomeação dos logradouros, em que o tributo, sobretudo aos moradores da região, se consolidou.

**Palavras-chave:** Toponímia urbana. CAND. Deodápolis. Glória de Dourados.

## Introdução

A nomeação do espaço é uma atividade humana reveladora tanto das percepções decorrentes da atuação do indivíduo no meio em que está inserido quanto das ações coletivas promovidas, por exemplo, por Instituições como o Estado, como reflexo de algo socialmente produzido. Ao se estudar a toponímia urbana é possível apreender, principalmente, a segunda perspectiva, já que o compartilhamento de uma mesma área demanda organização e práticas que serão incorporadas pela comunidade que ali vive.

Os municípios sul-mato-grossenses pesquisados, Deodápolis e Glória de Dourados, foram escolhidos por pertencerem, na década de 1940, ao projeto CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados), que incentivou o povoamento dessa região de Mato Grosso do Sul, até então pouco explorada. Estudou-se a nomeação dos acidentes físicos e humanos desta área a fim de observar a possibilidade de relacionar as iniciativas de políticas públicas como a CAND, os processos migratórios e o perfil daqueles que povoaram o território às escolhas dos topônimos.

Optou-se por inventariar os topônimos em fontes publicadas em anos diferentes (2000; 2014), pois, a partir das leituras de trabalhos sobre toponímia urbana<sup>1</sup> e as primeiras buscas de mapas da área investigada, notou-se a tendência da renomeação de ruas e avenidas. Metodologicamente, analisou-se todos topônimos semanticamente (modelo taxonômico de Dick, 1990; 1992) e quanto a estrutura morfológica (simples, composto e híbrido), a etimologia e a língua de origem. Depois, tabulou-se os dados assinalando o processo de substituição de nomes, conforme será demonstrado nos quadros 1 e 2 desse artigo. A seguir, algumas considerações sobre o ato da nomeação para, então, apresentar a análise dos topônimos.

### 1 Nomear: o que essa prática pode revelar?

---

<sup>1</sup> Em Mato Grosso do Sul, estado em que os municípios desse trabalho estão localizados, é possível encontrar diversos pesquisadores da área, como: Oliveira (2014), *Toponímia urbana da região centra de Campo Grande/MS: um olhar socioetnolinguístico*; Bittencourt (2015), *Toponímia urbana da cidade de Três Lagoas – MS: interfaces entre léxico, cultura e história*; Ribeiro (2015), *Religiosidade na toponímia 33 urbana de Campo Grande/MS: entrelaçamentos históricos e linguísticos*, ambas sobre a toponímia urbana da capital do estado; e de Souza (2006), *Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da Retirada da Laguna*, orientados por Aparecida Negri Isquerdo, coordenadora do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul.

O ato da nomeação é uma prática inerente ao homem, pois sendo o único animal constituído de linguagem, capacidade de raciocinar e de se comunicar, utiliza-se desses atributos para dominar e organizar o espaço e as coisas próximas ao seu convívio.

Vale registrar que é a partir da língua que se representa algo, é através dela que se torna possível conhecer o surgimento e a cultura de um povo.

[...] a efetiva capacidade do ser humano para a linguagem permite-lhe, conseqüentemente, traduzir em 'formas significativas' ou em palavras, os mais variados aspectos de sua cultura, integrando-os em um todo orgânico. (DICK, 1990, p. 32.).

O processo de nomeação é uma forma de dar categoria às coisas do mundo e de torna-las reais no meio social, pois, é “a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1998, p.88).

Para que haja o processo de nomeação e categorização, é necessária a junção do pensamento, da compreensão e do raciocínio, pois, é através deles que o homem se torna capaz de nomear algo ou um lugar, levando em conta os fatores linguísticos e não linguísticos que o motivou a escolher tal denominação. Ainda sobre o processo de nomeação, DICK explica que:

[...] a representação do real (ou de suas “qualidades”), através das estruturas simbólicas de uma língua, revela-se como a conseqüente de um complexo bio-psíquico, integrado por estímulos ou excitações neuronais e por processos mentais propriamente ditos, como as faculdades de “pensar”, de “compreender” ou de “raciocinar”. (DICK, 1990, p.31)

As denominações feitas aos territórios e aos acidentes geográficos, normalmente são motivadas por uma simbolização referente a alguma memória de grande importância para aqueles que ali vivem, e essas designações muitas vezes são questionadas pela sociedade, pois, “este campo parece ser o que maiores dificuldades apresenta ao pesquisador [...] na maioria das vezes, falta-lhe o conhecimento prévio dos reais ‘motivos’ ou da verdadeira ‘intencionalidade’ manifesta

na forma linguística a ser estudada” (DICK, 1990, p.55). Portanto, apesar de na maioria das vezes haver uma motivação na escolha dos nomes, seja ela extrínseca ou intrínseca, nem sempre é possível recuperá-la.

Apesar dos desafios, há um ramo da Linguística, cujo objetivo é estudar os nomes próprios de pessoas e lugares: a Onomástica, dividida em dois campos de atuação: a) a Antroponímia, responsável por estudar os nomes próprios de pessoas e b) a Toponímia, que tem como objetivo o estudo das origens dos nomes de lugares tanto de acidentes físicos (geográficos) quanto de acidentes decorrentes da intervenção humana no espaço (ruas, avenidas...). A partir da Toponímia, conceituam-se os topônimos como

[...] signos dotados de especificidades que os tornam diferentes dos nomes comuns, pois consubstanciam a intencionalidade do denominador que, sacionando as várias circunstâncias que o rodeiam, seleciona um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico, que evoca em seu significado a justificativa para a sua própria existência. (DICK, 1990, p.38-39).

A Toponímia analisa os nomes geográficos através de uma dicotomia física e humana, pois, além dos lugares urbanos, existem também os acidentes geográficos criados pela natureza, pelos quais, também trazem em seus designativos uma história que deve ser analisada e estudada. Para Dick, a Toponímia é “um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (DICK, 1990, p. 36). Dessa maneira, é um campo de estudos interdisciplinar, que engloba várias disciplinas ou ramos de pesquisa, como à História, Antropologia, Arqueologia, Geografia, a Linguística, a Zoologia e a Botânica, que ajudam no processo de análise às motivações dos topônimos, que “[...] se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada” (DICK, 1990, p.22), pois, um nome próprio tem a função de distinguir de forma específica uma pessoa ou um lugar, de acordo com a sua individualidade e sua motivação histórica.

O topônimo configura-se como um signo linguístico, a junção de um conceito e de uma imagem acústica, de acordo com SAUSSURE (2000), o signo possui duas características: a arbitrariedade e o caráter linear do significante. O signo arbitrário é

constituído quando o conceito por detrás do nome dado a um objeto ou a algo, independe da sua designação, ou seja, quando o significante (palavra) é imotivado em relação ao significado (conceito).

De acordo com (BIDERMAN, 1998, p.81-82), o homem considerado primitivo coloca o nome como não arbitrário, porém, não exclui a existência de um vínculo entre o nome e o objeto que ele denomina. Portanto, não aparta a palavra do responsável pela motivação da sua existência. Sendo os topônimos significantes animados por uma substância de conteúdo, na hora do batismo de um lugar, o que era arbitrário, em relação à língua, transforma-se em motivado (DICK, 1990, p.38), pois, é necessário na hora da análise toponímica, identificar todos os aspectos, tanto culturais, linguísticos, como históricos, existentes no âmbito, para que seja encontrada intencionalidade por trás do designativo.

Para a análise do nome de lugar, neste trabalho, considerou-se a motivação semântica que estimulou o denominador no momento da nomeação. Dick formulou e publicou, em 1975, 19 taxes para padronizar a classificação dos topônimos e, 17 anos depois, as revisou e ampliou para 27 taxes, sendo 11 ligadas ao ambiente físico e 16 relacionadas aos aspectos socioculturais. Para elaborar essas taxes, Dick procurou uma terminologia técnica que englobasse os nomes de lugares em modelos específicos. A primeira unidade do signo toponímico tem por objetivo denominar uma classe genérica, ou seja, o acidente em si (ex: *rio*), já a segunda, a designação dada ao lugar (ex: *rio Apa*) – nome que será categorizado ou entre as taxionomias de natureza física ou entre as de natureza cultural. Veja o modelo de Dick (1992, p.31-34), com exemplos da toponímia sul-mato-grossense citados por Souza (2006):

#### I - Taxeonomia de natureza física

- a) **astrotopônimos** - aqueles que emprestam o nome de corpos celestes como em Fazenda *Estrela* - AH/MS; cabeceira *do sol* - AF/MS e fazenda *Halley* - AH/MS<sup>2</sup>;
- b) **cardinotopônimos** - contemplam os topônimos relativos às posições geográficas em geral como, por exemplo, em rua *10 leste* – AH/MS e córrego *do meio* – AF/MS;

- c) **cromotopônimos** – referem-se aos nomes de lugares em que escala cromática de algum modo se manifesta como em rio *Verde* - AF/MS e serra *Azul* – AF/MS
- d) **dimensiotopônimos** - nomes que retomam as características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade como, por exemplo, cabeceira *Alta* - AF/MS e córrego *comprido* - AF/MS;
- e) **fitotopônimos** – nomes de índole vegetal como córrego *Capy* - AF/MS, córrego *Guaviral* – AF/MS e fazenda *Ibicuí* - AH/MS;
- f) **geomorfotopônimos** - quando o nome reflete a natureza topográfica do acidente que está sendo batizado. Geralmente são constituídos, dentre outras, por montanhas e montes para se reportarem às elevações; vale, baixada e serra, por exemplo, para depressões do terreno; e costa, cabo, angra e ilha quando visam a distinguir as formações litorâneas, como córrego *Serrinha* - AF/MS e *Barra do Ita* - AF/MS;
- g) **hidrotopônimos** - nomes de natureza hidronímica tais como córrego *Água Turva* - AF/MS e córrego *Água Azul*- AF/MS;
- h) **litotopônimos** trazem em sua gênese referências à índole mineral como exemplo o córrego *Barreiro* - AF/MS;
- i) **meteorotopônimos** - os topônimos relativos aos fenômenos atmosféricos. Ex: fazenda *Relâmpago* - AH/MS;
- j) **morfotopônimo** - refletem nos nomes o sentido de forma geométrica, como em fazenda *Triângulo* - AH/MS; e
- k) **zootopônimos** – nomes que têm como fonte motivadora os animais. Isto se dá, por exemplo, em fazenda *Tamanduá* - AH/MS e morro *Jabutí* - AF/MS.

## II - Taxeonomias de natureza Antropo-Cultural.

- a) **nootopônimos**, os **animotopônimos** - topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual do ser humano não pertencendo à cultura física como em córrego *Bonita* - AF/MS e em fazenda *Bom Sucesso* - AH/MS;
- b) **antropotopônimos** - topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Incluem-se aqui também os apelidos. São exemplos desta categoria o córrego *Manoel Antônio* - AF/MS e a fazenda *Sarah* - AH/MS;

- c) **axiotopônimos** - nomes próprios de pessoas que são acompanhados dos títulos e dignidades conquistados no decorrer de suas vidas, como em fazenda *Marechal Rondon* - AH/MS e rua *Tenente Antônio João* - AH/MS;
- d) **corotopônimos** - topônimos relacionados aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex: Rua *Minas Gerais* - AH/MS e fazenda *Bela Vista* - AH/MS;
- e) **poliotopônimos** – englobam topônimos formados por nomes como vila, aldeia, cidade, povoação e arraial (ex. córrego *Vila São Miguel* – AH/MS);
- f) **hodotopônimos** - topos estejam fazendo referência às vias de comunicação entre as zonas rurais e urbanas como em córrego *Picada* - AF/MS;
- g) **cronotopônimos** - quando houver topônimos que encerram indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo/nova, velho/velha, falar-se-á em **cronotopônimos**, como em fazenda *Nova* - AH/MS e fazenda *Nova Friburgo* - AH/MS;
- h) **ecotopônimos** - se forem relativos às habitações de um modo geral, como em fazenda *Casa Branca* - AH/MS;
- i) **ergotopônimos** - topônimos relativos aos elementos da cultura material, ou seja, a objetos advindos da atuação humana sobre uma matéria prima, classificam-se como em córrego *sombrero*- AF/MS;
- j) **sociotopônimos** - se estiverem relacionados às praticas profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade como em *Rua dos Voluntários* - AH/MS;
- k) **numerotopônimos** – nomes relativos aos adjetivos numerais como córrego *Três Cerros* - AF/MS;
- l) **dirrematotopônimo** - nomes referentes às manifestações da criatividade humana quanto a criação de frases ou de enunciados linguísticos – córrego *Nunca-te-vi* - AF/MS;
- m) **somatotopônimo** – topônimos que retomam metáforas que envolvam o corpo humano – fazenda *Coxa Branca* - AH/MS;
- n) **etnotopônimos** - topônimos que remetem a elementos étnicos, isolados ou não, que registram a etnia de um povo (ex. fazenda *Guaicuru* - AH/MS);
- o) **hierotopônimos** - topônimos que recuperam nomes sagrados (ex: Rio das *Cruzes* - AF/MS e fazenda *Santo Antônio* - AH/MS), que por sua vez podem

- ser **hagiotopônimos** (nomes próprios acompanhados das lexias *Santo (a)* ou *São*) ou **mitotopônimos** (nomes relacionados às entidades mitológicas); e
- p) **historiotopônimos** – nomes relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes, como *Avenida 07 de setembro* - AH/MS.

Além da análise semântica, os topônimos foram estudados a partir de sua estrutura morfológica, sua etimologia e os aspectos históricos e geográficos da área investigada. Veja o que os dados revelaram a seguir.

## **2 O que ‘dizem’ as ruas e avenidas de Deodápolis e Glória de Dourados**

Como já fora anunciado, o território correspondente aos municípios de Deodápolis e Glória de Dourados pertencia, na década de 1940, à Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND). Mas o que foi a CAND?

As Colônias Agrícolas Nacionais foram criadas através das soluções contra o latifúndio, que foram as medidas de colonizar e nacionalizar, por meio do Decreto-Lei n 3.059, 14 de fevereiro de 1941. A Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) foi criada em 28 de outubro de 1943, cuja localização era no território federal de Ponta Porã. Segundo Oliveira (1999), a CAND consolidou “a política de colonização, como parte integrante da Marcha para o Oeste” (OLIVEIRA, 1999, p. 170).

Tendo sua história relacionada com a política da Marcha para Oeste e igualmente ao surgimento do período de ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, a Colônia Agrícola Nacional, foi somente implantada no governo de Eurico Gaspar Dutra (1945-1950) e voltou a ser recuperada novamente pelo seu fundador apenas quando Vargas assumiu a presidência em 1951 até o ano de 1954. A CAND, além de um projeto criado durante o Estado Novo por Vargas, foi também um projeto de colonização inserido em inúmeros e diferentes governos brasileiros que vieram a seguir, como por exemplo os presidentes Juscelino Kubitschek e Jânio Quadro. Poucos autores colocam nas histórias sobre a Colônia esse interesse político vindo não só do Vargas, mas de outros governos também. De acordo com Santos (2000)

“Em síntese, o início da implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados deu-se a partir de iniciativa do governo Vargas com a finalidade de desarticular o poderio da Mate Laranjeira [...]” (SANTOS, 2000, p. 26).

Em relação aos colonos, obras históricas os marcam como nordestinos ou migrantes. De acordo com Oliveira (1999, p.17), chegaram à CAND “[...] trabalhadores rurais comprovadamente pobres, vindos de vários Estados do país, sendo a maioria da região nordeste”. Lima (1982) destaca que vieram: “[...] famílias dos Estados de São Paulo, Paraná e, principalmente dos Estados do Norte e Nordeste deste País [...]” (LIMA, 1982, p. 11). Carmello escreve sobre os estados de onde vieram os colonos: “Vieram nossos irmãos do Ceará na sua maioria, do Rio Grande do Norte, de Pernambuco, de Alagoas, de Sergipe, do Maranhão, enfim, de todos os Estados do Norte e Nordeste brasileiro não se falando nos paulistas, mineiros e demais Estados da Federação” (s/d, p. 19).

Integrante da CAND, Deodópolis, antes mesmo de ter o seu delimitado já estava ocupado por colonos, vindos de diferentes estados, principalmente do Nordeste. No fim de 1958, Deodato Leonardo da Silva, lavrador, acompanhado de 13 famílias, migrou á procura de terras férteis ao saber da notícia da existência da colônia, realizando, então, a ocupação do município. Deodato ocupou um rancho e adquiriu alguns lotes da área rural, onde fez a sua moradia e das demais famílias que com ele vieram. Após um tempo, comprou mais alguns lotes e começou a construir a área urbana para a população. Construiu uma capela com a ajuda da população. Mais tarde, sua residência torna-se um comércio, e em 1962 foi construída a primeira escola no município. Foi dado ao território o nome de Vila Novo Horizonte, porém, em homenagem ao lavrador Deodato Leonardo da Silva, passou a ser Vila Deodópolis (Deoda= Deodato + polis= cidade). Mais tarde criou-se um município da junção de Vila Deodópolis com outros distritos e passou a chamar-se de Deodópolis (IBGE - cidades).

Glória de Dourados também teve o seu processo de ocupação e povoamento vinculados ao projeto da CAND. Joaquim Colaço, Luiz Gonzaga, Alexandrino Ferreira Lima, Juvenal Aniceto, José Elídio Sobrinho, João Preto de Assis, Monoel Avelino, Nestor Pacheco e Hermínio Guerra, foram os primeiros colonos a ocupar e desbravar o território. Em 1955, foram reservados cerca de oito lotes pelo Dr. Clodomiro Albuquerque, para que fosse construído um novo povoado. Porém, devido à grande

demora para a construção e entrega desses lotes, fizeram com que outros colonos tomassem a iniciativa de invadi-los e construíram os primeiros ranchos. De acordo com os dados históricos do IBGE, a nomeação do município foi motivada por um discurso feito em uma visita feita pelo padre José Daniel, onde disse: “Esta cidade será a glória, a glória de Dourados!” (IBGE – cidades).

Uma vez constituídos os núcleos urbanos, a nomeação de ruas e avenidas torna-se necessário. O levantamento dos topônimos dessa pesquisa se deu, portanto, por meio da consulta às malhas urbanas disponíveis em um CD do IBGE de 2000 e em mapas concedidos pelas prefeituras municipais, com mudanças datadas em 2014, ainda vigentes. Da comparabilidade das fontes à constatação de discrepâncias entre os dados, haja vista a denominação dos logradouros públicos sofrerem substituições, conforme aprovação de leis nas Câmaras Municipais, sancionadas pelos prefeitos. Nos quadros a seguir, assinalam-se as renomeações.

**Quadro 1 – Análise Toponímica dos nomes de ruas do município de Deodópolis - MS**

<b>Elemento geográfico</b>	<b>Topônimo (IBGE, 2000)</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Estrutura morfológica</b>	<b>Topônimo (Lei Municipal Nº607/2014)</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Estrutura morfológica</b>
Rua	Pará <sup>3</sup>	corotopônimo	simples	-	-	-
Rua	15 de novembro	historiotopônimo	composto	João Bezerra Sobrinho	antropotopônimo	composto
Avenida	Dom Pedro II	axiotopônimo	composto	Francisco Alves da Silva	antropotopônimo	composto
Rua	25 de dezembro	historiotopônimo	composto	Francisco Gomes Pereira	antropotopônimo	composto
Rua	07 de Setembro	historiotopônimo	composto	José Crispiniano da Rocha	antropotopônimo	composto
Rua	Sergipe	corotopônimo	simples	Aparecido da Silva e Oliveira	antropotopônimo	composto
Rua	Alagoas	corotopônimo	simples	Crispiniano Alves de Souza	antropotopônimo	composto
Rua	Goiás	corotopônimo	simples	Expedita Lopes de Lima	antropotopônimo	composto
Rua	Minas Gerais	corotopônimo	composto	Eugênio Cordeiro Calado	antropotopônimo	composto
Rua	Campo Grande	corotopônimo	composto	Eraldo Rodrigues da Silva	antropotopônimo	composto
Rua	Paraná <sup>4</sup>	corotopônimo	composto	Ricardo Francisco de Oliveira	antropotopônimo	composto

<sup>3</sup> PARÁ - variedade de borracha brasileira (AULETE, 2010)

<sup>4</sup> PARANÁ “de para’-nã - o que é semelhante ao mar, denominação dada aos grandes rios” (SAMPAIO, 1928, p. 283).

Rua	Santa Catarina	corotopônimo	composto	Maria José Cação Berloff	antropotopônimo	composto
Rua	Santa Teresinha	hagiotopônimo	composto	-	-	-
Rua	Senador Saldanha Derze	axiotopônimo	composto	Antônio Bezerra Soares	antropotopônimo	composto
Rua	Ponta Grossa	corotopônimo	composto	José Barretos	antropotopônimo	composto
Avenida	Donato Leonardo da Silva	antropotopônimo	composto	-	-	-
Rodovia	Padre André	axiotopônimo	composto	-	-	-
Rua	Cruz Malta	hierotopônimo	composto	Fanoel do Ouro	antropotopônimo	composto
Rua	Pedro Augusto Oliveira	antropotopônimo	composto	-	-	-
Avenida	Duque de Caxias	historiotopônimo	composto	Osmir de Andrade	antropotopônimo	composto
Rua	Rio de Janeiro	corotopônimo	composto	-	-	-
Rua	Brasília	corotopônimo	simples	João Nicolau dos Santos	antropotopônimo	composto
Rua	Rio Grande do Sul	corotopônimo	composto	Pedro Firmino do Nascimento	antropotopônimo	composto
Rua	Ceará	corotopônimo	simples	João Lopes Siqueira	antropotopônimo	composto
Rua	Presidente Getúlio Vargas	axiotopônimo	composto	Floro dos Santos	antropotopônimo	composto
Rua	Monte Cristo	hagiotopônimo	composto	Carlos Ruiz Galan	antropotopônimo	composto
Rua	Mato Grosso	corotopônimo	composto	Guerino Pelegrini	antropotopônimo	composto
Rua	Amazonas	corotopônimo	simples	Pedro Marinho de Azevedo	antropotopônimo	composto

Rua	Mendes Canale	antropotopônimo	composto	Sebastião Gomes	antropotopônimo	composto
Travessa	do Parque de Exposição	sociotopônimo	composto	Guerino Marches	antropotopônimo	composto
Travessa	do Posto Betel	sociotopônimo	composto	João Lacerda	antropotopônimo	composto
Rua	10 de outubro	historiotopônimo	composto	Jonas Ferreira de Araújo	antropotopônimo	composto
Rua	Canaã	corotopônimo	simples	Maria Ester dos Santos Farias	antropotopônimo	composto
Rua	das Flores	fitotopônimo	simples	João Francisco Fachiano	antropotopônimo	composto

Fonte: elaborado pelas autoras

#### Quadro 2 – Análise Toponímica dos nomes de ruas do município de Glória de Dourados - MS

Elemento geográfico	Topônimo (IBGE, 2000)	Taxionomia	Estrutura morfológica	Topônimo (Mapa cedido pela Prefeitura de Glória de Dourados - 2014)	Taxionomia	Estrutura morfológica
Rua	das Magnólia	fitotopônimo	simples	Genaro da Costa Matos	antropotopônimo	composto
Rua	das Rosas	fitotopônimo	simples	Arthur V. da Rocha	antropotopônimo	composto
Rua	Cambaretã <sup>5</sup>	etnotopônimo	composto híbrido	Apilio Gonçalves Diniz	antropotopônimo	composto
Rua	07 de Setembro	historiotopônimo	composto	Manoel Silveira Costa	antropotopônimo	composto
Rua	Melvin Jones	antropotopônimo	composto	-	-	-

<sup>5</sup> Cambá: do guarani do Paraguai, significa negro africano (BUENO, 1998, p.89) Reté: o corpo (BUENO, 1998, p.304) Retama, v.etama: país, região, residência, moradia (TIBIRIÇA, 1985, p.169)

Rua	São Paulo	corotopônimo	composto	Maria de Jesus Pereira	antropotopônimo	composto
Rua	Rio Grande do Sul	corotopônimo	composto	Sinval Ramos Novais	antropotopônimo	composto
Rua	Jules Rimet	antropotopônimo	composto	Kiyoo Masuko	antropotopônimo	composto
Rua	Paraná	corotopônimo	composto	Maria L. F. da Silva	antropotopônimo	composto
Rua	Lagoa	hidrotopônimo	simples	Antonio Manuel	antropotopônimo	composto
Rua	Minas Gerais	corotopônimo	composto	Mitizo Totumi	antropotopônimo	composto
Rua	dos Pioneiros	historiotopônimo	simples	João Calado da Silva	antropotopônimo	composto
Rua	14 de maio	historiotopônimo	composto	Minol Komori	antropotopônimo	composto
Rua	Rio Brilhante	corotopônimo	composto	Joaquim Pinto Neto	antropotopônimo	composto
Rua	Dr. Tancredo de Almeida Neves	historiotopônimo	composto	-	-	-
Rua	Tuna Lusa	antropotopônimo	composto	Petronílio M. da Silva	antropotopônimo	composto
Rua	Ivinhema	corotopônimo	simples	Octávio Pereira de Oliveira	antropotopônimo	composto
Rua	Sergipe	corotopônimo	simples	José Jozino de Souza	antropotopônimo	composto
Rua	Dr. Orígenes França Simões	axiotopônimo	composto	-	-	-
avenida	Couto Magalhães	antropotopônimo	composto	Geraldo Cassiano Pontes	antropotopônimo	composto
Rua	Santa Rosa	hagiotopônimo	composto	Antonio Schiave Neto	antropotopônimo	composto

Rua	Duque de Caxias	historiotopônimo	composto	Nestor Yamato	antropotopônimo	composto
Rua	Marechal Rondon	historiotopônimo	composto	-	-	-
Rua	dos Colonos	historiotopônimo	simples	Joaquim Colaço	antropotopônimo	composto
Rua	Hiroshima	antropotopônimo	simples	Luiz Mitsuhiro Iwata	antropotopônimo	composto
Rua	Cuiabá	corotopônimo	simples	Nildo de Carvalho	antropotopônimo	composto
Rua	Angélica	corotopônimo	simples	Paulino Pancoti	antropotopônimo	composto
Rua	Joaquim Fernandes da Silva	antropotopônimo	composto	-	-	-
Rua	Costa e Silva	histotopônimo	composto	-	-	-
Rua	Cervo	zootopônimo	simples	-	-	-
Rua	Paraíba	corotopônimo	simples	Aparício R. de Almeida Jr.	antropotopônimo	composto
Rua	Natanael Téles de Andrade	antropotopônimo	composto	-	-	-
Rua	Candangos	etnotopônimo	simples	-	-	-
Rua	Bahia	corotopônimo	simples	Paulo R. de Medeiros	antropotopônimo	composto
Rua	Pedro Medeiros de Alencar	antropotopônimo	composto	-	-	-
Rua	Bento Machado Rôbo	antropotopônimo	composto	-	-	-
Avenida	Presidente Getúlio Vargas	historiotopônimo	composto	-	-	-
Rua	das Primaveras	fitotopônimo	simples	Manoel Duarte de S.	antropotopônimo	composto

Rua	Ana Perla	antropotopônimo	composto	Francisco A. dos Santos	antropotopônimo	composto
Rua	das Orquídeas	fitotopônimo	simples	Moacir C.	antropotopônimo	composto
Rua	das Hortências	fitotopônimo	simples	Sygeo Nakamura	antropotopônimo	composto
Rua	Projetada A	sem classificação	composto	José Cabral Neto	antropotopônimo	composto
Rua	Projetada B	sem classificação	composto	Almerindo Trindade da Silva	antropotopônimo	composto
Rua	Caçapava	corotopônimo	simples	Jacinto Polizer	antropotopônimo	composto
Rua	Carine	antropotopônimo	simples	Manoel dos Santos	antropotopônimo	composto

Fonte: elaborado pelas autoras.

A Toponímia da área urbana dos municípios sul-mato-grossenses investigados apresentou algumas características comuns, em que o processo histórico de formação de cada uma das sedes parece obedecer a um padrão organizacional: os nomes de ruas revelam homenagens prestadas às pessoas dedicadas ao bem da coletividade, aos que serviram à pátria brasileira, às datas comemorativas de acontecimentos locais, regionais ou nacionais e aos nomes de cidades e estados do Brasil e países circundantes, talvez por serem localidades de onde proviessem os pioneiros, que colonizaram as cidades estudadas. Logo, as taxas mais produtivas foram os antropotopônimos, os historiotopônimos e os corotopônimos. Sobre as duas últimas, vale a pena registrar algumas tendências.

A nomeação de ruas como *XV de novembro* configura-se como historiotopônimo por serem relativos ao movimento republicano, quando o povo brasileiro se mostra ao cenário mundial como entidade democrática autônoma. Ao se designar um acidente com os nomes *Floriano Peixoto* e *Afonso Pena* está-se homenageando dois dos governantes brasileiros deste período. Outra referência ao processo político do Brasil se dá por meio do topônimo *07 de setembro*, em que se recupera o momento em que o Brasil abandona o *status* de colonizado e passa a ser livre para se organizar política e socioeconomicamente.

Outra taxonomia muito produtiva foi o corotopônimo. A retomada de nomes de estados brasileiros (ex. *Santa Catarina, Pará, Goiás, Mato Grosso*) e as suas capitais (ex. *Campo Grande, Cuiabá*), seguidos por aqueles que homenageiam municípios sul-mato-grossenses (ex. *Angélica, Ponta Porã*) e outras localidades situadas no território nacional (ex. *Belo Horizonte, Fortaleza*) parece ser o padrão seguido pelos denominadores da malha urbana, assim como já haviam atestado Figueiredo e Isquierdo (2012, p.99-100):

O princípio básico definidor da taxa *corotopônimo* é o fato de um nome ser transplantado de um lugar para outro. Mas qual seria afinal o “alcance” do conceito de transplantar? Aplicando-se esse conceito ao modelo de classificação taxionômico de Dick (1992), só seriam considerados *corotopônimos* os nomes de cidades, estados e regiões, oriundos de outros países que não o Brasil. Nomes como *Bolívia, Canadá, México* e *Peru*, por exemplo, utilizados para denominar acidentes físicos em Mato Grosso do Sul, adequar-se-iam sem problemas ao modelo em questão. Constatou-se, no entanto, ao longo

da pesquisa que boa parte dos topônimos, a princípio, assim classificados careceria de maior aprofundamento. A inquietude dos pesquisadores do Projeto ATEMS tem proporcionado estudos e reflexões sobre o assunto, por entenderem que na toponímia sul-mato-grossense havia casos perceptíveis de que o denominador de um determinado acidente físico ou humano “transplantou” nomes de espaços circunscritos ao território brasileiro, ao batizar um córrego, por exemplo, com nomes de Estados do Brasil de que migraram muitas pessoas para o território sul-mato-grossense. O corotopônimo *Pernambuco* (córrego no município de Paranaíba) é um exemplo típico de homenagem prestada por migrantes à sua terra natal.

Como se observa, considerou-se o sentido lato do formante “trans-” na definição de corotopônimo, ampliando o sentido do verbo transplantar de modo a abranger também os nomes que migram dentro de um mesmo território e não apenas os “importados” como previra Dick (1990). Por se tratar de toponímia urbana, optar por corotopônimo se justifica a partir das informações referentes aos processos migratórios ocorridos na área investigada, corroborando com o que também fora proposto por Figueiredo e Isquierdo (2012, p.100;102):

[...] diante do complexo quadro de dificuldades que envolvem a classificação dos *corotopônimos*, tem-se buscado a uma reflexão acerca do conceito de *corotopônimo* com base nos dados disponíveis no recorte toponímico estudado, principalmente, no que tange aos nomes de cidades, de estados e de regiões pertencentes ao território brasileiro. No entanto, a prática tem demonstrado que a questão exige muita cautela, para que não classifique equivocadamente um nome com essa taxa. Topônimo bem ilustrativo nesse sentido é *Belo Horizonte*, que nomeia um córrego em São Gabriel do Oeste – MS, microrregião do Alto Taquari, e outro córrego em Iturama – MG. Sabendo-se que no município mineiro de Iturama também existe um córrego denominado *Viçosa*, a classificação de *Belo Horizonte* como *corotopônimo* nesse território parece mais coerente do que no Estado de Mato Grosso do Sul. [...] Como as pesquisas toponímicas procuram classificar, descrever e explicar os topônimos, parte-se do que está mais próximo e tenta-se recuperar a visão etnolinguística do grupo responsável pela atribuição do nome. Assim, no decorrer da investigação, o pesquisador deve ponderar que estudos desta natureza seguem um percurso indutivo > dedutivo, ou seja, partem do nome do acidente para depois descobrirem os condicionantes que o envolvem. Nesse sentido, vale registrar que, assim como *Belo Horizonte*, o topônimo *Fortaleza* – o mais recorrente entre aqueles classificados como *corotopônimos* no Banco de Dados do ATEMS (10,4%) –, pelos mesmos motivos, poderia ser considerado um *animotopônimo*. Todavia, a representativa incidência desse topônimo em diferentes pontos geográficos do Estado; o grande contingente de

nordestinos, incluindo os cearenses, que migraram para o Mato Grosso do Sul, durante diferentes fases de povoamento da região, somados à falta de informações acerca da motivação do batismo desses seis acidentes físicos e de um acidente humano corroboram a decisão de manter a classificação desses designativos como *corotopônimos*.

Outra maneira de marcar a identidade das cidades que tiveram um povoamento incentivado pela política pública de colonização foi por meio dos topônimos *Colonos* e *Pioneiros*, tal como atestaram os documentos históricos consultados como Oliveira (1999)

Ainda sobre a toponímia urbana dos municípios de Deodópolis e Glória de Dourados, nota-se na comparabilidade entre os topônimos recolhidos no CD do IBGE (2000) referente à malha urbana, os mapas atualizados disponibilizados pelas Prefeituras e algumas normatizações que dispõem sobre a denominação dos logradouros públicos, a tendência à substituição dos corotopônimos e historiotopônimos por antropotopônimos, tal como atesta, por exemplo, a Lei Municipal n. 607, de 27 de maio de 2014, de Deodópolis – MS, aumentando ainda mais a incidência de topônimos relativos aos nomes próprios individuais.

Sobre os antropotopônimos no município de Glória de Dourados, é interessante registrar o considerável número de sobrenomes japoneses, marcando também a presença nipônica no território sul-mato-grossense.

### **Considerações finais**

De acordo com as análises feitas na investigação aos topônimos dos municípios de Deodópolis e Glória de Dourados, o processo de formação histórica de cada território demonstra um padrão comum: os nomes das ruas são caracterizados por homenagear as pessoas (antropotopônimos) que participaram do processo de colonização do território realizado pela Colônia Agrícola Nacional de Dourados, aos que serviram à pátria brasileira (axiotopônimos), às localidades (corotopônimos) de onde provavelmente migraram os colonos, impulsionados pela possível existência de terras férteis no Mato Grosso do Sul, e às datas (historiotopônimos) comemorativas relacionadas aos importantes acontecimentos no Brasil.

### **Referências**

BITTENCOURT, Karla Porto. **Toponímia urbana da cidade de Três Lagoas – MS: interfaces entre léxico, cultura e história.** 2015. 227 p. Dissertação [Mestrado em Estudos de Linguagens]. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2015.

BUENO, Silveira. **Vocabulário Tupi – Guarani e Português.** São Paulo: Vidalivros Distribuidora de Livros Ltda, 2008.

DEODAPOLIS – MS – BRASIL. **Lei Municipal n.607, de 27 de maio de 2014** (Dispõe sobre a denominação dos logradouros e prédios públicos, localizados na sede do município de Deodápolis e Distritos). Deodápolis: Prefeitura Municipal, 2014.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil.** Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira.** São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza, ISQUERDO, Aparecida Negri. Corotopônimos na toponímia sul-mato-grossense: reflexões teórico-metodológicas. IN: **Papeis:** Revista do Programa de Pós Graduação de Linguagens. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, v. 1, n. 1, A universidade, 2012, p. 85-106.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades.** Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php> Acesso em 02 de março de 2018.

NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. “**Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto**”: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND (1943-1960). 2007. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2007.

OLIVEIRA, Leticia Alves Correa de. **Toponímia urbana da região central de Campo Grande/MS: um olhar socioetnolinguístico.** 2014. 111 p. Dissertação [Mestrado em Estudos de Linguagens]. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

RIBEIRO, Priscila do Nascimento Ribeiro. **Religiosidade na toponímia urbana de Campo Grande/MS: entrelaçamentos históricos e linguísticos.** 2015. 154 p. Dissertação [Mestrado em Estudos de Linguagens]. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional.** Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.

SANTOS, Vicência Deusdete Gomes dos. **A contribuição da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) no processo de ocupação e desenvolvimento do Mato Grosso do Sul Meridional.** 2000. Monografia de Especialização em Geografia (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados – MS, 2000.

SOUZA, Carla Regina de. **Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da Retirada da Laguna**. 2006, 220f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2006.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. **Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: Significado dos nomes geográficos de origem tupi**. São Paulo: Traço Editora, 1985.